



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
 AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
 PODE ABRI-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL

O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

6 de Janeiro de 2007 • Ano LXIII • N.º 1639
 Preço: € 0,33 (IVA incluído)
 Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
 Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Aniversário

É sob o influxo do tempo de Natal que celebramos o aniversário da Obra da Rua, concretamente a abertura da primeira Casa do Gaiato, em Miranda do Corvo. Era 7 de Janeiro de 1940.

Um parto que teve uma longa gestação de comunhão de sofrimento com a sorte dos mais Pobres, principalmente as crianças das ruas de Coimbra. Este era bem mais um ponto de chegada que de partida. Era fruto de uma intuição, de um desejo amadurecido: «remediar a sorte dos farrapões das ruas». Um nascimento operado com alegria profunda também: «acabavam-se as horas amargas daquele Setembro sombrio... tinha uma casa para eles...» Era o nascimento da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. A Obra da Rua passava a uma fase institucional na sua vertente propriamente educativa, com grande originalidade: o auto-governo, uma casa deles, por eles e para eles.

Naturalmente que, como veremos mais tarde, a Obra da Rua não se esgotará aqui, num modelo de educação, em mais um método de educar — pese a sua novidade. Ela irá continuar a ser sobretudo, na esteira do seu Fundador, o exercício de um carisma profético de denúncia e defesa dos direitos dos mais fracos, as crianças, os pobres, os doentes.

As Casas do Gaiato nasceram daquele dinamismo que brotava da alma do Padre Américo: a sua vocação sacerdotal; do seu chamamento de impellido por Deus, consciente de ser apenas um Seu simples instrumento, porque, como ele frequentemente acentuava, «é Deus Quem escolhe a hora e que termina a realização... nós somos apenas executores... é preciso pôr Deus no seu lugar».

Na conceptualização das Casas do Gaiato há, antes de tudo, esta consciência do transcendente, sem a qual, nada. Quão é importante se compreenda esta intuição para não arquitectar acertos metodológicos e pedagógi-

cos de risco. Podemos e devemos «caiar» a casa, «rasgar» janelas ou arejar cubículos sombrios, mas há pedras no edifício educativo que são fundamento e alicerce. Retiradas estas, aquele desmorona-se e desfaz-se.

É a fidelidade a essa dimensão de fé, de ousadia e transcendência que torna possível o amor e escutar o homem na sua verdade e indignação: «deixe-nos ficar consigo» gritavam as crianças pegadas à capa de Pai Américo. No seu clamor, Pai Américo intuía a voz de Cristo, pedindo auxílio. As Casas do Gaiato nasceram desta escuta, desta atenção, como resposta ao sofrimento provocado pelo abandono. Porque se tem abafado o grito das crianças, mesmo antes de nascer, elas têm diminuído em número nas Casas do Gaiato. Muitos dos nascidos na dificuldade de meios e de amor aqui encontrariam a possibilidade de viver. Queremos voltar a ouvir o grito das crianças: «deixe-nos ficar consigo...», «deixem-nos ficar convosco». O Padre Américo reconheceu-o como missão à qual nós queremos ser fiéis também dentro dos princípios que nos regem: o auto-governo onde os chefes são eleitos pela Comunidade, no seio da qual se exercita, a liberdade, a espontaneidade e a responsabilidade num trabalho comum; onde se cultivam as virtudes humanas da solidariedade, generosidade, camaradagem e amor ao próximo; num ambiente marcadamente familiar, longe da pauta regulamentar, ou do peso sombrio do reformatório; onde o factor natureza-campo desperte para os valores sobrenaturais.

Neste aniversário em tempo de Natal queremos agradecer o amor, o apreço que de tantos sectores da nossa sociedade recebemos. Ao nosso Deus pedimos vocações, a disponibilidade de as acolher, com humildade e caridade, sacerdotes, leigos, senhoras que partilhem a sua maternidade: boas prendas de aniversário, neste Natal.

Padre João



A pouco e pouco, porque o crescer é lento, vamos preparando muitos para a vida.

Moçambique

Activistas

VIVEMOS e morremos aos poucos, agora mais rapidamente com a idade. Mas a pouco e pouco, porque o crescer é lento, vamos preparando muitos para a vida. São os nossos rapazes, as crianças das Creches e dos Berçários, os alunos externos e os da nova escola da Massaca para jovens e não tão jovens.

O crescer deste Povo para a sua autonomia tem de assentar na formação Escolar, num Serviço de Saúde assegurado, além de um apaixonado e profundo combate à fome, para o qual contamos com o apoio da Caritas e do Programa Mundial de Alimentação. Este ano são tantos a pretender seguir os Cursos do Instituto Superior Politécnico, que dada a dificuldade de ligações com a cidade, à noite, resolvemos pedir aos professores para em três dias por semana, se deslocarem aqui.

No que se refere à saúde, porém, temos de enfrentar o mal que grassa nestas terras próximas da Suazilândia e da África do Sul, onde trabalham muitos donos de mulheres que vivem por aqui e a quem transmitam o mal. Não nos chegam as pessoas capazes e já preparadas, chamadas Activistas, para aconselhar, de perto, todas as mães e jovens, para evitar a contaminação. Terminou no dia 25 mais um Curso, por necessidade encaixado no final do ano lectivo. Desde o início desta semana, até ao dia 1 de Dezembro — Dia Mundial de Combate à Sida — há assembleias nas povoações, com sessões de esclarecimento, palestras e teatro, canto e dança não podem faltar, para sensibilizar o maior número de pessoas. A continuidade desse trabalho pertence depois aos Activistas, de cujo empenho muito se espera, pois é imprescindível. Está verdadeiramente em perigo todo o povo. Os já contaminados que ainda não sabem, precisam aproximar-se do Posto de Saúde para o teste, as mães gestantes, para não transmitirem, no parto, a doença aos seus bebés, as próprias crianças, que muito cedo começam uma vida sexual activa, a ponto de as mães virem com elas ao Posto a pedir socorro para que suas filhas não engravidem. Muitas jovens de catorze anos andam já, até felizes e orgulhosas, com seus filhos às costas. Pensa-se que o mal está tão escondido ainda, como um iceberg, que só deixa ver o cimo. Com o facilitismo do preservativo, perdeu-se completamente a moral tradicional se é que se pode chamar-lhe assim, porque até a tradição faz da iniciação, a partir dos dez anos para a menina, a entrada na vida sexual activa. A própria moral cristã, e cristãos são poucos, está de abalada.

Continua na página 4

escola, por faltas, onde criou uma imagem terrível. Mais..., muitas tropelias que o Leitor adivinha e eu não devo referir, as quais são a descida vertiginosa para o que hoje chamam marginalidade, senão lhe acudirmos a tempo.

Falei com o rapaz. Esperto, vivo, meigo e rebelde. Todas as características de um gaiato.

A nossa Casa está estruturada para estes.

Doze anos! Ainda a tempo. Se mais um ano passasse seria tarde...!

A senhora que havia feito o pedido, veio trazê-lo no seu carro. Num domingo.

Continua na página 3

Praticando o Bem

Um Natal gaiato

A verdade nos Pobres tem sempre mais esplendor. Talvez, por isso, Jesus se tenha feito como eles.

Os homens podem querer apagá-la, amordaçá-la, mas ela — a Verdade — tem dentro de si um poder invencível. A História dá-nos disso testemunho.

Aqui ou acolá, por mais abafada que seja, o clarão, ainda que repentino, aparece.

Foi uma amiga da Obra daquelas que nunca duvidaram, sofreu, e confiou na Casa do Gaiato, em telefonema a pedir-me que aceitasse um rapazinho sem pais, confiado a uma tia impotente de o criar.

— Sim, senhora — respondi

com júbilo — tal dia, passo por aí, irei vê-lo e, depois, direi.

A nossa rotina repete-se em todos os casos: — Ver, apalpar, cheirar e julgar. No local. Não nos relatórios ou outros métodos longínquos da realidade. É lá. No ambiente humano e material que a gente ajuíza e decide.

Cheguei ao começar da noite. Má hora. Estas coisas querem-se examinadas à luz do dia com toda a claridade.

Uma casa térrea, antiga, com alguma dimensão e obras por acabar.

A tia, separada do marido, vivia de esmolas, que o rendimento de inserção tinha sido cortado, não sei bem porquê.

A seu cargo estavam quatro

filhos, dois rapazes e duas raparigas, estando a mais velha das quais em tratamentos no Instituto de Oncologia.

Três quartos tinham os colchões no chão e só um dispunha de cama, onde dormiam as meninas.

Havia uma lareira acesa e dois aparelhos de televisão a trabalhar. Um na sala-cozinha e outro num dos quartos com colchão de casal no chão. Dinheiro para comprar uma cama, ao menos, não apareceu, mas para as televisões teve de se arranjar. Não bastava uma para a família, teve de se adquirir outra para o quarto. É o resultado da ilusão arrasante que o mundo lhes traz.

A tia relatou-me o seu calvário. O sofrimento e as despesas com a filha mais velha e a sua incapacidade para educar o sobrinho. Há dois anos que espera um colégio para o menino.

As senhoras dizem que não há vagas e têm protelado resolver a necessidade do sobrinho, que já este ano perdeu dois meses de

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

MENSAGEM DO PAPA — «To- cou uma série de questões relevantes. Bento XVI anunciou a fome, a pobreza, o ódio racial e religioso, o terrorismo. Lembrou ainda as crianças desfavoreci- das e mostrou preocupação pela situa- ção do Médio Oriente e Iraque.»

PARTILHA — Assinante 57002, de Senhora da Hora, 150 euros «*minha pequena migalha para a vossa Conferência*».

Assinante 27177, de Lisboa, cem euros «*para aliviarem o fardo dos Pobres e para que tenham consoada melhorada*».

Estoril, a assinante 43689, «*pede que nos lembremos dos seus queridos que já não estão cá: o Marido, os Pais e os Sogros*».

Assinante 9857, da Capital, com cem euros, «*pequena vela com que posso iluminar alguma escuridão*».

Da assinante 71358, de Coimbra, «*um pequeno contributo para ajudar os mais necessitados*».

Vila Nova de Cerveira, assinante 54736: «*uma pequena ajuda para o vosso grande empenho com gente sem lar*».

Assinante 20594, do Porto: «*Cin- quenta euros a pensar nos idosos Pobres que protegeis, junto a uma palavra de muito amor*».

De Paris, o nosso assinante 23165, «*com um abraço de velho amigo e família*», cinquenta euros.

Mosteirô, assinante 39976 «*com o dinheiro para utilizarem onde for mais preciso*».

Assinante 17410, da Cidade Invicta, «*um grande abraço para O GAIATO e para as necessidades mais urgentes*», cem euros.

Carvalhosa (Coimbra): «*O assin- tante 25199. Peço orações para a minha mulher e eu podermos ajudar na sua doença gravíssima*».

Um Pároco, da zona de Santo Tirso, assinante 42502 «*pede que o aceite- mos na nossa companhia*».

Cardigos: «*Assinante 11748, ao acabar de ler o último GAIATO, acon- teceu, como sempre, pensar na Graça de Deus e chegar onde é mais pre- ciso*».

De Espinho: «*Assinante 20866, com cem euros, uma pequena ajuda para os medicamentos dos Pobres*».

Outros cem, da assinante 14799, de Ferragudo: «*Migalhinha para a vossa Conferência*».

Mais uns cem, da assinante 66545, de Braga.

Coimbra, assinante 66345, 75 euros. Do Porto, assinante 33275, com um cheque de duzentos e cinquenta euros.

Lisboa, assinante 65559: «*uma pequena dádiva de 40 euros*».

Assinante 63569, de S. Mamede de Infesta: «*Cheque de 80 euros*».

Um antigo e velho amigo, do Porto, assinante 11171, oferta para os Pobres

da nossa Conferência. Lembremos sempre a nossa Escola Mouzinho da Silveira!

Assinante 72963, de Leiria, mais cem.

Assinante 35016, de Póvoa de Var- zim, duzentos e cinquenta euros.

Vinte euros, de boa Amiga do Lar de Santo António dos Capuchos, de Penafiel. Deus lhe pague.

Alcabideche, assinante 27044, qua- renta euros para os Pobres.

Mais cem euros, do assinante 58356, do Porto.

Rio de Mouro, assinante 22890, muita massa, também para os nossos Pobres.

E a assinante 30092, 50 euros.

Para todos os nossos Amigos, a nossa gratidão, e votos de santo Ano Novo.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

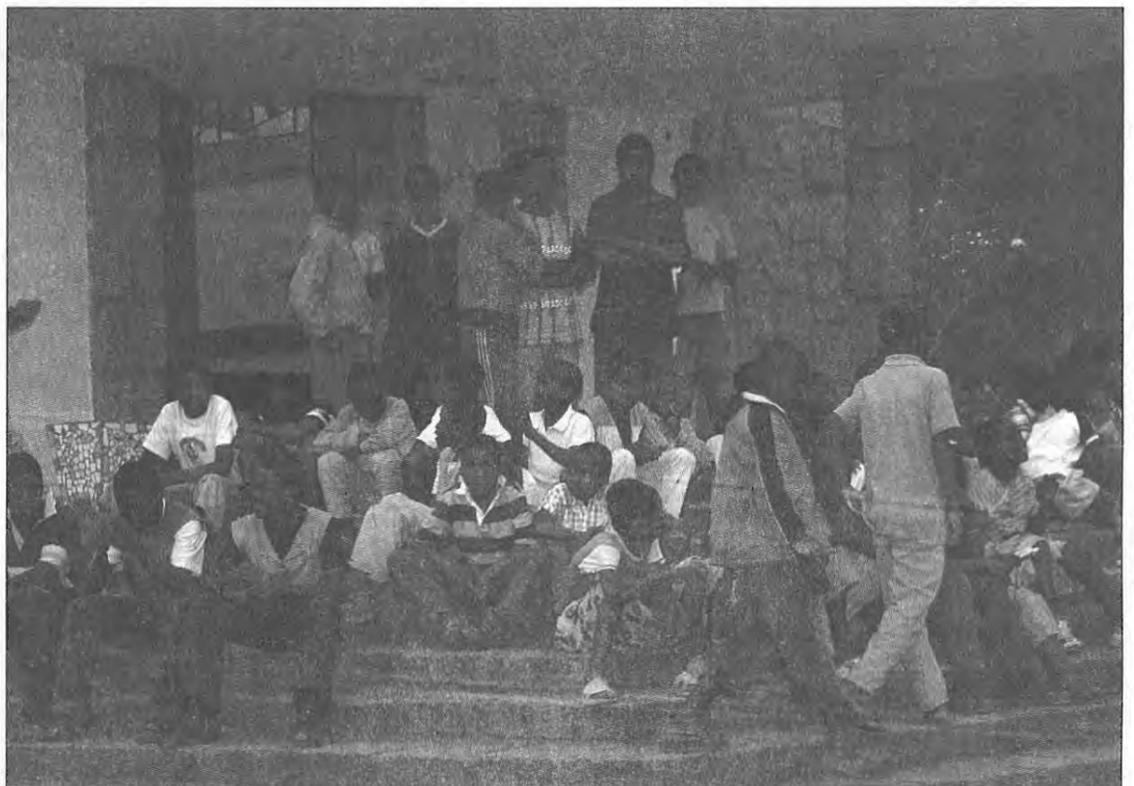
Paço de Sousa

DESPORTO — Mais uma semana, mais um jogo de futebol e, inevitavel- mente, mais uma vitória! Desta vez recebemos a Associação Recreativa e Cultural de Pias (Lousada). Uma equipa bem organizada e a saber o que quer. No entanto, encontrou outra do mesmo nível, e que não estava na dis- posição de deixar quebrar, para já, a onda de vitórias que felizmente nos tem perseguido. Até quando?! Não sabemos...!

Falando um pouco do jogo, muito francamente não gostei de alguns comportamentos de parte a parte. Uns convencidos de que vinham encontrar miúdos, que se calhar só estão habi- tuados a jogar a bola na hora do recreio; outros (nós), porque preferiam jogar a bola sem que o adversário os impedisse de concretizar a ideia fixa, de levar a bola para casa... Mesmo assim, e talvez por isso, sofremos dois golos, de duas brincadeiras dos nossos defesas, contra os golos de «Bolinhas» (1), Gil (1), Rogério (1), Ilídio (2), Ricardo Filipe (1) e André (1). Um jogo mal jogado, sobretudo na pri- meira parte. Agora, resta-nos jogar um pouco melhor, em Março, quando for- mos a casa deles.

Uma semana depois, recebemos os Juniores do Sport Club de Nun'Álva- res (Recarei), que militam na Associa- ção de Futebol do Porto e que com golos de Rogério (3); «Bolinhas» (1); «Bonga» (1) e «Russo» (2), um dos quais para ficar para a história do fute- bol desta Casa e da sua vida futebolís- tica. «Russo», é um dos nossos defes- sas centrais. E que central! Ainda em zona defensiva, a três ou quatro metros para trás da linha do meio campo, chuta para à baliza, apanha o guarda-redes adversário ligeiramente adiantado, e faz o golo deste nosso campeonato de Inverno. Todos jogaram bem, mas neste jogo, «Bolinhas» Rogério e Abílio pareciam que tinham tomado... daquilo que é proibido, pelas altas instâncias do futebol.

Independente dos golos, foi um jogo bem disputado e correcto, mas onde os rapazes de Recarei, apesar da derrota algo pesada, não baixaram os braços, até ao apito final do árbitro. Já



Malanje — «Acompanhamento quotidiano — como o do nossos pais na nossa infância. Nunca armazenem de rapazes...»

os nossos rapazes estavam no balneá- rio a tomar banho, e aparece o seu treinador, pessoa impecável, assim como o senhor José Carriço, com uma caixa de *croissant's* e os respectivos sumos, para os vencedores merenda- rem.

Com estas e com outras, assim se vai dando continuidade, ao já longo historial do nosso Grupo Desportivo.

Alberto («Resende»)

Setúbal

DIA DE FESTA — No dia 23 de Dezembro realizámos no nosso salão, pela primeira vez, a Festa Anual dos nossos Amigos. Em dias de véspera ensaiámos várias peças que foram apresentadas para o público. O espec- táculo começou cerca das 16 horas, de sábado, e encheu o salão num ápice. Mais de duzentas pessoas apreciaram e os nervos dos rapazes a vir ao de cima... Mesmo assim, correu linda- mente.

Tivemos também connosco a pre- sença do Bispo de Setúbal, D. Gil- berto, que ficou maravilhado com o esforço e dedicação dos rapazes que participaram. E como demonstração, cantámos um hino sobre a vida do Pai Américo, escrito pelo David Rosa.

Correu tudo bem, à excepção de uma falha de electricidade na região que interrompeu por duas vezes o espectáculo.

As pessoas gostaram imenso, e a seguir fomos todos participar numa outra festa: a Festa da Eucaristia. O senhor Bispo falou na celebração sobre o quanto ficou contente e, ainda por cima, pediu ao nosso Coral, da Casa, para repetir o refrão de um cântico que simbolizava crianças sem família.

A seguir à Missa tivemos uma ceia preparada por várias pessoas, entre elas antigos gaiatos e suas mulheres.

Por fim queremos agradecer, como dizia o nosso Padre Júlio, «a todas as

pessoas que abdicaram de outras coi- sas para estarem connosco».

Foi uma boa parte do dia e nós ado- ramos... Como o Natal já passou, resta-me agora desejar a todas as pes- soas, um próspero Ano Novo!

MEIAS — Agradecemos às pes- soas que nos ofereceram, através da Senhora D. Luísa, os pares de meias para nós utilizarmos durante o decor- rer do ano. Este é o 29.º ano que a D. Luísa se disponibiliza a recolher meias que pessoas amigas nos querem oferecer.

Danilo Rodrigues

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRAN- CISCO DE ASSIS — Quando esta crónica chegar à mão dos nossos Ami- gos, leitores do *Famoso*, já o Natal pas- sou. Formulamos votos para que tenha sido um santo Natal, cheio de paz e amor, acompanhado de muita saúde.

Depois de passarmos uma crise bas- tante aflitiva, o Senhor ouviu as nos- sas súplicas, tocou no coração dos nossos Amigos e já vamos podendo socorrer os nossos Pobres, com mais alguns mimos.

A vida é assim mesmo, feita de altos e baixos. Nós, por vezes, perde- mos a fé n'Aquele que tudo vê e tudo sabe. Depois andamos para aqui aflitos e não nos lembramos que por detrás disto tudo, está a Providência Divina.

É Deus que está sempre presente e no momento próprio, actua à maneira d'Ele. No entanto, quer testar a nossa fé. Nós, como sempre, fraquejamos e damos mostra de que afinal não temos aquela fé do tamanho do tal grão de mostarda.

A nossa avó, que o é de três rapazes e três raparigas, depois de ter passado uns momentos difíceis, pois houve tempo em que ela já não nos conhecia, agora volta a estar melhor. Mas, claro, não consegue andar.

Temos ido visitá-la ao centro onde está a ser bem tratada, mas devido à falta de pessoal, o Natal vai ser pas- sado em sua casa, assim como já se fez nas férias, no mês de Agosto.

Vamos ver como vai ser, pois a filha, ainda tem três filhos.

Por vezes, encontro-me com ela no centro e conta-me que ajuda a empre- gada a dar banho e deitar a mãe na caminha dela.

Esta mulher, mãe de seis filhos, queixa-se muito da vida e, agora, assim, diz que não tem dinheiro para a ajudar e para o sustento dos filhos que ainda tem com ela. São crianças cheias de problemas. O homem que com ela está, nem sempre trabalha, pois o seu serviço é fazer alguns bis- catos.

Nós vamos ajudando com aquilo que nos chega às mãos, fruto da cari- dade dos nossos Amigos.

Vamos ver até onde chega a resistên- cia desta avó, conhecida neste meio, como tendo sido uma grande pessoa que muito trabalhou, enquanto pôde e soube sempre tratar o seu marido até à hora da morte. Nós também somos tes- temunhas disso, pois quando a começá- mos a visitar já ele pouco ou nada andava. Foram muitos anos de sofri- mento, a que nós assistimos.

A nossa viúva que tem o filho defi- ciente, depois de muito ter lutado, conseguiu a reforma a que tinha direito. Há muito que não conseguia trabalho algum, devido à sua doença, mas os médicos só agora compreende- ram o seu estado de saúde.

E agora, dedica-se mais ao seu filho, que continua a frequentar um centro de recuperação onde também faz alguns trabalhos. Esta mulher gasta toda a sua reforma com o filho, pois tem que comprar muitos medicamentos.

Nós temos estado presentes e vamos ajudando como podemos. Para isso, também contamos sempre, com a vossa ajuda.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Dos E.U.A., Maria Júlia Monteiro, cheque de 200 dollars, depois de cambiados, 157,21 euros.

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Olga e Valdemar

Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Dezembro,
53.300 exemplares

Praticando o Bem

Continuação da página 1

Celebrou a Missa conosco e almoçou em frente do rapaz, na nossa mesa. Foi ver onde dormiria, ajudá-lo a fazer a cama e sentir o grupo em que ficaria integrado. Depois, deu umas voltas pela Aldeia e retirou-se que a distância era longa.

Tudo simples. À maneira do Samaritano, iluminada pelo amor e condóida do rapaz desamparado.

Que diferença entre estes procedimentos e os ditos oficiais!... Que distinção? Para trazer um rapaz para a Casa do Gaiato pelos carris oficiais, normalmente vêm dois ou três técnicos, um moto-

rista, um carro do Estado e em horas e dias úteis.

As despesas para esta gente não conta, o que importa é cumprir os regulamentos.

Deus queira que, amanhã, não nos venham pedir contas de termos acudido ao rapazinho sem ordens oficiais já que «as crianças em risco» são propriedade do Estado.

Lembro aquela discussão de Jesus com os escribas e fariseus acerca da cura de doentes ao sábado.

— Se fosse um filho vosso ou mesmo um burro ou um boi que vos caísse num poço, em dia de sábado, não o iríeis socorrer? — Pergunta Jesus aos bem instalados na lei e na vida.

Dar amparo a uma criança, para alguns legalistas, sem a sua autorização pode ser, hoje, um crime contra a justiça..., mas deixá-los desgraçarem-se no abandono é indiferente e legal. Ninguém irá pedir contas. É mais um que se junta a tantos outros, que andam nas ruas e não preocupam a estrutura oficial tão zelosa nos que acolhemos em nossas Casas.

Pedro ensaiou um auto de Natal para ser apresentado nessa noite. Só o nosso rapaz quis fazer de Nossa Senhora e vestir, sem complexos, a roupa conveniente. No palco tudo correu bem. Mostrou-se uma mãe carinhosa, atenta e muito delicada nos seus gestos.

A cena era para ser transferida para a Celebração litúrgica, O Menino, o Daniel, benjamim da família, S. José, representado pelo Ronaldo e o nosso homem fazia de Nossa Senhora. Tudo bem à frente do altar, para no fim da Missa todos beijarmos a imagem viva e verdadeira de Jesus.

Colocados na Capela, cada um no seu sítio, antes de tudo começar, Nossa Senhora começou a dizer palavrões obscenos dirigidos ao Ivanilson!...

O que foi um escândalo no lugar sagrado.

Alguém saneou imediatamente a figura da Virgem. O rapaz tirou as vestes e foi amuar-se no meio dos outros!

Um verdadeiro Natal gaiato.

Padre Acílio

de comemorar o 50.º aniversário da sua ressurreição e, já agora, imploro ao Espírito Santo que sobre lá para os lados do Vaticano, a fim de vermos canonizado aquele que o Povo há muito chama Santo! Andavam bem, nos primeiros séculos, aqueles que elegiam Santos os que o eram. Com tantos cânones, tudo se arrasta...

Assinante 50343».

Continuem

«Com os mais respeitosos cumprimentos e uma saudação de amizade, enviamos cheque, contribuição respeitante à assinatura d'O GAIATO, que muito nos apraz receber.

Continuamos a reiterar a nossa Amizade pela Instituição que muito tem contribuído para minimizar a tragédia dos Rapazes da Rua, fazendo votos que os Alicerces dessa Obra continuem cada dia mais fortes...

Assinante 29513».

DOCTRINA



Eu cá tenho uma só casaca.

Casaca que não dou,

nem viro, nem troco.

«SEMPRE que vejo o célebre O GAIATO compro-o; mas, como os gaiatos não vendem o jornal à saída de todas as Missas, logo que falto à igreja do costume e tenho de ir a outra, peço o jornal. E que grande desconsolo! Não seria possível pô-lo à venda nos quiosques ou nas sacristias de todas as igrejas? Eu gostaria tanto de o assinar! Mas vivemos, eu e minha filha, dos nossos modestos ordenados. Não sei se, dando 15\$00 de seis em seis meses, este *bocadinho* chega a ser uma assinatura. Se for, então, aqui está a minha direcção. Se eu receber o jornal é porque pode ser e então envio a importanciazinha. Está bem assim? Se não chegar, continuarei a comprar O GAIATO sempre que o encontrar à venda e, sempre que posso, dou mais uns tostezinhos.

LEAMOS o *feiticeirinho* de fio a pavio e ao fim voltamo-lo e tornamos a voltá-lo entre as mãos com a esperança de nos ter escapado algumas linhas. Mas, isso sim! É tão pouquinho! A gente chora, chora, mesmo quando se ri. Mas, é um choro de amor, de alegria e de consolação. E como tudo ali é novo, ou melhor, como tudo aquilo é autêntico e velho 'ouro' a rebentar as grosserias e velhas camadas de rotina e desfiguração do Evangelho. É *juntar* com Jesus a Obra! E essa é realmente o escândalo, a contradição e até a incompreensão. Tenho ouvido os mais variados comentários sobre a Obra da Rua. A maior parte é de louvor enternecido. Mas, já ouvi um 'senhor' dizer depois de ter lido algumas linhas d'O GAIATO: 'É interessante, mas não convence'...

OUTROS ('democratas', dizem eles) 'gostam do Padre Américo... porque ele *chega* para os católicos; para ele tanto faz ser protestante como católico, como até ateu; não é preciso a Religião para a gente ser honesto e bom, mesmo sem a igreja vive-se honrado, etc. Também *chegou* às Caixas de Previdência. E dos padres só se aproveita um único, o Padre Américo, etc., etc.' Incompreensão! Incompreensão! Da Obra em si, embora simpatizem, nada! Nem uma palavra! Mas, o escandalozinho do jornal interpretado pessoalissimamente! No entanto, lêem O GAIATO; alguns assinam-no ou compram-no até. A Obra, sem que o sintam bem, toca-lhes o coração. Só os mais fanáticos não perdoam que semelhante maravilha seja feita por um Padre.

EU sirvo-me de todos os meios para o fazer ler: empresto-o, dou-o, ponho-o em sítios onde pode chamar a atenção, etc. E os corações comovem-se... mesmo a puxar a brasa para a sua sardinha... Quando é exibido o documentário da Aldeia dos Rapazes? Anunciem no jornal, sim? Os que não têm a felicidade de a poder visitar e lá deixar o seu pouco ou muito, ao menos, vêm-no no 'écran'. Vou mandar O GAIATO a pessoas amigas do Brasil e da Califórnia. Perdão por este desprezioso arrazoado. Vai em *estilo Padre Américo* e não conheço nada de mais simples e profundo ao mesmo tempo. Que Deus guarde o Padre Américo por muitos e largos anos e multiplique em Portugal as Casas do Gaiato, são os meus votos.»

EU poderia encher delas o «importante» quinzenário, de tantas e tantas que recebo! Gosto da diversidade. Da discussão. Do falatório. Da poeira. Claro que todos interpretam à sua maneira, ou «puxam a brasa à sua sardinha», como diz o «feiticeiro». Sim. Pretendem que esta doutrina seja a doutrina deles, mas não é assim. Não pode ser assim. Ela é unicamente e simplesmente a Doutrina do Mestre. Quem não estiver com ela, está por isso mesmo contra ela. Ele há só um Mestre. Tudo o mais são mestriscos com seus livricos. Cuida-se, ainda, que alguém possa ser simultaneamente protestante com os protestantes, judeu com os judeus, espírita com os espíritas, católico com os católicos, e assim por diante. Ora não é verdade. Isso seria não ser. Eu cá tenho só uma casaca. Casaca que não dou, nem viro, nem troco. Agora, se eu disser que me faço tudo para todos, para que todos sejam meus, isso sim. Isso faço. Mas não deixo de ser católico. Católico, apostólico, romano. Sou da Santa Madre Igreja Católica, aonde espero morrer.

D. Américo!

(Do livro *Doutrina*, 1.º vol.)

Estatuto Editorial d'O GAIATO

Para darmos cumprimento ao preceituado na Lei de Imprensa, efectuamos a publicação anual do Estatuto Editorial d'O GAIATO:

1. O GAIATO nasceu da fome e sede de Justiça que consumiu o seu Fundador — paixão que ele mitigou, contagiando muitos de idêntica fome e sede. Assim, deixou expressa a sua vontade relativamente ao mote e ao modo de o comunicar.
2. «O século de agora anda esquecido. Os Pobres constituem encargo indesejável. Ora Deus quer que pela nossa oração e acção se indique ao mundo o caminho da Verdade.»
3. «Pela força e crédito dos seus escritos, defendam os direitos e levem os homens a reconhecer e a respeitar o Pobre.»
4. «Aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escreva como quem reza. Prepare-se como quem vai falar de Deus. Só desta forma corresponde e faz valer o dom.»
5. «No seu periódico O GAIATO e em outras edições, não peçam nem aceitem propostas de anúncios sobre assuntos do século. Todo o espaço e todo o tempo é pouco para revelar Cristo às almas.»
6. «Também não aceitem colaboração de estranhos, ainda que homens de saber e de virtude. Dê-se, sim, preferência ao Rapaz, que por isso se educa e revela, fazendo bem às almas dos que lerem.»
7. «Não sejam solícitos em pôr a preço os jornais ou edições que saem dos nossos prelos. É melhor deixar tudo à generosidade espontânea de cada um.»
8. Tal se procura cumprir na «fragilidade das nossas miséris».
9. Acrescentamos ainda o compromisso de se «respeitar os princípios deontológicos da Imprensa e a ética profissional (...), e não abusar da boa fé dos leitores, encobrindo ou deturpando a informação».

PENSAMENTO

Vinte e cinco anos de Pobreza jurada conduziram-me a esta altíssima Riqueza! Quanto mais renunciámos, mais recebemos! Bendito seja o Senhor Deus de Israel!

PAI AMÉRICO

De cartas

Obra sublime

«Envio cheque para pagamento da minha assinatura, ao verificar que foi descontado, fico a saber que o receberam pelo que solicito que não haja agradecimentos...

Quem tem de agradecer sou eu. Primeiro, a Deus que vos talhou para Obra tão sublime que é a de dar vida a quem a não tem; saciar a fome aos que dela são vítimas;

vestir aqueles Irmãos que, de outra forma, andariam nus e, sobretudo, educá-los para a vida, o mesmo é dizer para a cidadania e para o trabalho. Bem-hajam por tanto bem que têm feito, ao longo de décadas! Bem-hajam pelo que fazem e que me caberia a mim fazer e não faço. Peço ao Senhor Jesus vos dê forças e coragem para continuardes a Obra começada por Pai Américo, que acaba

Setúbal

Novo ano

O início de um novo ano convida-nos a olhar o futuro; a pensar naquilo que está mais necessitado de ser melhorado; a acentuar e dar força às preocupações que de algum modo já nos inquietam.

Um problema grave da actualidade é a desintegração da Família. No que nos toca, preocupa-nos a dificuldade que os nossos rapazes, que conosco crescem e preparam a vida, têm em poder vir a constituir-na. São muito raros aqueles que estruturam a sua vida para que, depois de assumirem a sua independência, a vivam numa comunidade familiar em que o amor é o laço que une os seus membros, imagem do amor da Família divina.

É muito difícil aos jovens assumir compromissos duradouros ou definitivos, tanto da parte deles como da parte delas. A promiscui-

dade que a sociedade em geral vive neste capítulo, mais ajuda a que essas dificuldades se acentuem.

O ser humano só envereda por um determinado caminho se nele encontrar um maior valor, comparado com outros possíveis. Mas quando esse caminho é feito a dois, onde as duas vontades devem congregar seus esforços, embora também se possam opor, aumenta a dificuldade de ele alguma vez se iniciar ou continuar a ser percorrido até que se alcance a sua meta.

Outro problema é de que se conserve a simplicidade de vida ou, no limite, se alimente o espírito de pobreza em cada um, de modo a que sempre se esteja desperto para a necessidade do irmão que vive perto e que pela situação da sua vida, necessita da partilha da amizade e dos bens materiais a ela necessários.

A um mundo que alicia a gozar das suas conquistas, mesmo que muito efémeras ou pouco ou nada úteis, é muito difícil aos jovens dizer não a esses convites. O ser humano age muito por imitação. Mesmo que à partida exista o propósito de dizer não, aquilo que é oferecido ou já é desfrutado pelos

outros, domina e aniquila facilmente a frágil vontade.

O conhecimento da realidade dos Pobres que nos cercam é a força que pode vencer o galopante consumismo e desperdício que quer dominar a todos, e que já influencia a generalidade da sociedade.

Este novo ano apresenta-nos este convite: que sejamos pessoas que se preocupam, com o próprio futuro e com os que o não têm, pois o presente vence-os. A preocupação é uma força para a vida, e que vai em sentido contrário ao relaxamento a que o mundo convida.

Padre Júlio

Benguela

A Festa do Natal

PAZ! A Festa do Natal passou, ontem. Estou a escrever, tocado pela emoção de ver as centenas de famílias, com os cestos à cabeça, cheias de confiança e alegria. Levaram da nossa Casa do Gaiato tudo o necessário para uma Festa feliz. Doutr modo, não teriam nada. Quem me dera visseis, com os próprios olhos, os filhos mais pequeninos, à volta da mesa grande, a comer o pão recheado e a beber o sumo delicioso. Este quadro, cheio de beleza, deu-se no Infantário, com o toque do coração e das mãos das Irmãs Albina e Rosalina. Assim, com a mesa e o presépio, não faltaram os cânticos de alegria pelo nascimento do Menino Jesus, tão bem representado por um bebé. Foi um momento simbólico e lindo da Festa do Natal para os filhos que vivem no bairro. Também nos pertencem, juntamente com suas mães, de cestos à cabeça. Doutr modo, nem roupa, nem comida, nem alegria.

A riqueza humana e espiritual de que gozamos, dentro da nossa Casa, só tem sentido quando é partilhada pelos outros, tão pobres ou mais pobres do que nós. Está nesta permuta de dons o caminho libertador, feito com as pedras preciosas da Justiça e da Caridade. Abraçámo-nos esta aventura, animados pela Esperança de que nunca é em

vão que o sementeiro lança a semente à terra, adubada com o Amor. Quem me dera sentísseis o calor humano dos beijos destes filhos, poisados no vosso colo, com os olhos cheios de ternura, agradecidos por terem sido libertos da fome, da doença e da nudez.

Não estou a pintar quadros fictícios. São quadros regados pelas lágrimas das mães que perderam tudo, porque nada tinham. Ficaram com o resto mais precioso: os filhos dependurados em seus peitos secos. Agora, celebram a Festa do Natal. A hora da libertação já chegou. A riqueza escondida e a beleza única, coberta com o pano da morte, estão à vista. É necessária a participação de todos, de longe ou de perto, de fora e de dentro, para vestir duma humanidade nova, estes filhos e filhas que também são parte da nossa carne! Que ninguém ouse dizer que nada pode! É hora de despertarmos do sono, se ainda não acordamos! O mais forte dê a mão ao mais fraco. Encha o seu coração, o centro da vida humana, do Amor misericordioso de que nos fala o Natal e partilhe com esta multidão que está à espera.

Quem me dera não houvesse lugar para desculpas. É um buraco tão fácil para nele cairmos. Esconde o nosso egoísmo, tantas vezes disfarçado. Seremos tanto

mais homens e mulheres, quanto mais amarmos e servirmos. Assim nos fala o Homem perfeito. Só entenderemos, se vivermos. Deixo-vos esta partilha com muita esperança e o optimismo que nasce da Fé.

Um momento muito feliz foi a visita do nosso grande amigo o Senhor Vice-Ministro do Interior, Dr. Sebastião Martins. Foi quase uma visita de surpresa. Passou parte da sua vida de criança e adolescência em Casa semelhante à nossa. Por isso, entende-nos melhor. Além do calor humano da sua presença e seus filhos, trouxe-nos uma carrinha cheia de mimos para estes filhos, em nossa Casa. Ficamos com pena da visita ser tão breve. Vinha em missão oficial que lhe absorvia todo o tempo disponível. Esperamos que volte! A nossa gratidão por esta prenda de Natal!

O encerramento de mais um curso de Alfabetização, num dos bairros próximos, foi outro momento muito feliz. É um projecto ligado ao grupo de jovens, integrado na ONG — Leigos para o Desenvolvimento. Depois de terminado o seu curso, universitário ou outro, dão algum tempo da sua vida, ao serviço gratuito da promoção humana deste povo. Algumas dezenas de mulheres e homens também deram mais um passo, em frente, na subida para a vida mais digna. O coração e as mãos destes jovens ficaram mais robustas para acenar a outros que se disponham a seguir o mesmo caminho. Coragem!

Padre Manuel António

Moçambique

Continuação da página 1

Mas é com Activistas bem preparados, que conhecem as pessoas da sua Aldeia, que estão perto de suas casas, com quem convivem e falam todos os dias, a quem não escapa o menor sintoma de doença numa casa, que pode ser simplesmente uma diarreia, um sinal de tuberculose ou escoriações no corpo e antes de tudo aquelas que passam mais necessidades alimentares, que podemos contar para descobrir o mal a tempo e prevenir o tratamento adequado.

Tudo quanto se possa fazer há-de ficar sempre à quem do possível, porque há ainda a barreira da tradição, do curandeiro e não sei quantos maus artifícios para não fazer o teste, ou tomar os medicamentos quando o mal está adiantado. É uma verdadeira missão o fazer reviver a esperança na vida, acolher os caídos, descobrir-lhes o valor da auto-estima, a colocar Deus no horizonte de suas vidas, onde só os mais responsáveis têm Fé e verdadeiro amor ao próximo, seja ele cristão ou não.

Esta é uma das tarefas da Casa do Gaiato, pelas Aldeias em redor, até onde podem chegar os corações fervorosos de quem aqui trabalha.

Padre José Maria

Uma Boa Notícia

A QUELE Amigo, que há quatro anos me deu a conhecer o *microcrédito* e me chamou a esta *sociedade de paixão* que nos tem unido, foi quem atempadamente me pôs nas mãos o texto que o Doutor Yunus disse há quase quinze dias em Oslo, ao receber o Prémio Nobel da Paz.

Verificamos no discurso que não foi em vão que o aguardámos «simples, bem-humorado e certo»:

«Simples» — ao apresentá-lo na companhia de nove mulheres representando sete milhões que precisaram de pedir e, pela correspondência à ajuda recebida, se tornaram os verdadeiros «donos» do Grameen Bank; «nove mulheres vindas de aldeias de todo o Bangladesh, presentes ali como as verdadeiras laureadas pelo Nobel e dando ao Prémio um significado totalmente novo». Ele estava para agradecer em nome delas «a grande honra e dignidade que o Prémio lhes conferia — a elas e a centenas de milhões de mulheres que em todo o mundo lutam em cada dia para dar realidade e esperança de uma vida melhor para os

seus filhos. Um momento histórico para elas». Simples e belo!

«Simples e bem-humorado» — porque linearmente o Doutor Yunus foi deixando alertas e propostas de comportamento aos homens, esperançado que eles escutem, reflectam e tomem o mundo melhor.

«Certeiro»... — depende de que os «alvejados» se deixem «acertar» e acertem eles mesmos as suas mentalidades pela sabedoria da distinção entre as feridas que matam e as feridas que curam. São desta espécie as feridas que o Doutor Yunus tentou fazer com o seu discurso e intenta todos os dias pela sua vida.

São sete folhas densas. Não vou acabá-las hoje; tampouco desistir de as folhear até ao fim.

Primeiro título: «A pobreza é uma ameaça para a Paz».

Quem pode duvidar da íntima, profunda, inseparável conexão entre a paz e a pobreza?! Escutemos o Professor de Economia:

«Noventa e quatro por cento dos rendimentos que no mundo se produzem, vão para quarenta por cento da população. Para os outros sessenta por cento dos homens restam apenas seis por cento dos bens». (94 de bens para 40 de homens; e só 6 para 60!!) E acrescenta estes dados ainda mais específicos: «Metade da população do mundo vive com 2 dólares por dia, e cerca de um bilião de pessoas com menos de 1 dólar por dia. Isto não é fórmula para a paz».

Pois não é. Se a paz é «a obra da Justiça», como poderá ser caminho para ela tão escandalosa violência que é a injustiça reinante?!

«O novo milénio — continua o Doutor Yunus — começou com um grande sonho global: reduzir a pobreza a metade até 2015. (...) Mas veio o 11 de Setembro e a guerra no Iraque e logo o mundo descarrilou no caminho deste sonho com a atenção dos líderes desviada da guerra à pobreza para a guerra ao terrorismo. Até agora foram gastos na guerra do Iraque, só pelos Estados Unidos, cerca de 530,0 biliões de dólares. Eu penso

que o terrorismo não pode ser vencido por uma acção militar. Ele tem de ser condenado, solidariamente por todos os homens, com linguagem mais forte. (...) Pôr os recursos da Terra ao serviço da vida dos povos pobres é melhor estratégia do que gastá-los em armas».

«A paz devia entender-se como um caminho humano — um amplo caminho nas áreas do social, do político, do económico. Mas ela é ameaçada pela injustiça, ou sequer pelo desajuste, em todas estas ordens e pela ausência de democracia e degradação do ambiente. A pobreza é a ausência de todos os direitos humanos. (...) Para construir uma paz estável temos de encontrar caminhos que propiciem oportunidades para o povo alcançar vidas decentes.

É esta criação de oportunidades para o povo pobre, o que está no coração do trabalho a que nos temos dedicado nos trinta anos passados».

No título seguinte o Doutor Yunus historia como nasceu, como cresceu, como se age no Grameen Bank — do que já tem sido dado conhecimento aos nossos Leitores. Mas não me dispense destas duas notas:

— 58% dos que pediram ajuda ao Banco, ultrapassaram já a linha da pobreza.

— Dos estudantes que acompanharam os primeiros passos do *microcrédito*, três, que hoje ocupam postos cimeiros no Banco, também estiveram em Oslo com as nove mulheres já citadas, para receberem todos a honra que o *Committee* Norueguês do Nobel lhes concedeu.

Trinta anos depois, as acções cresceram também em diversidade, sobretudo na promoção escolar e apoios àqueles que têm capacidade e vontade de seguir cursos superiores. Aliás, a prioridade dada às mulheres nos empréstimos para fomento de empreendimentos, fundou-se sempre no maior empenho e fidelidade delas no dedicar às suas crianças os progressos que iam alcançando.

E termina o Doutor Yunus este título com estas palavras de alegria vinda de um futuro melhor que antevê e espera: «Nós estamos criando uma nova geração melhor preparada para tirar suas famílias do caminho da pobreza. E desejamos abrir brecha na fatalidade histórica da pobreza».

Padre Carlos